

## O CORPO NEGRO FEMININO E A PROSTITUIÇÃO, NO ROMANCE *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*, DE PAULINA CHIZIANE

Cristine Alves da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** No presente artigo, buscamos examinar no romance *O alegre canto da perdiz* (2008), da moçambicana Paulina Chiziane, a imagem do corpo negro feminino representado e inserido no universo sócio-ficcional da prostituição, bem como as questões fundamentais que determinaram a sua condição histórica, cultural, social e política sob o regime colonial. Nessa perspectiva, veremos como as desastrosas consequências do processo colonizatório obrigaram muitas jovens a se entregarem à prostituição como forma de sobrevivência ou pela obtenção de benesses do homem branco, bem como a afirmação da sexualidade masculina. Assim, propomos a reflexão quanto à condição da mulher negra inserida nesse espaço.

**Palavras-chave:** Moçambique; prostituição; corpo negro feminino.

### THE FEMININE BLACK BODY AND PROSTITUTION, IN THE ROMANCE *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*, BY PAULINA CHIZIANE

**ABSTRACT:** In the present article, we seek to examine the image of the female black body represented and inserted in the socio-fictional universe of prostitution in the novel *O alegre canto da perdiz* (2008), by mozambican Paulina Chiziane, as well as the fundamental questions that determined its historical condition, cultural, social and political under the colonial regime. In this perspective, we will see how the disastrous consequences of the colonization process forced many young women to indulge in prostitution as a way of survival or for obtaining the blessings of the white man, as well as the affirmation of masculine sexuality. Thus, we propose the reflection on the condition of the black woman inserted in this space.

**Keywords:** Mozambique; prostitution; female black body.

“Os homens vieram, colonizaram todas as mulheres e instalaram-se como senhores.”

Paulina Chiziane

Com a epígrafe escolhida, é possível percebermos que a lógica que subordina o corpo negro feminino está intimamente vinculada ao colonialismo. Tendo como evidência mais concreta a cor da pele, a mulher negra é objeto do desejo sexual dos homens brancos. Assim, a

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literaturas Africanas da UFRJ.

posse do corpo feminino negro constitui uma parte fundamental do imaginário colonial europeu.

Sueli Carneiro destaca que:

Em toda a situação de conquista e dominação de um grupo humano sobre o outro, é a apropriação sexual das mulheres do grupo derrotado pelo vencedor que melhor expressa o alcance da derrota. (SCHMDIT *apud* CARNEIRO, 2013, p. 231).

Portanto, a análise que aqui propomos é sobre o corpo da mulher negra na perspectiva da prostituição, tendo por enfoque o corpo mercantilizado – moeda de troca na empresa colonial portuguesa – e, também, utilizado como forma de obter benesses do homem branco – “mesmo as prostitutas procuram o sucesso à escala de comuns mortais.” (CHIZIANE, 2008, p. 150) –, é o que irá definir a categorização e o escalonamento social mensurado através da desvalorização corporal, de natureza física, econômica e moral.

Tecer reflexões a respeito deste corpo implica em pensar sobre o significado que o mesmo traduz, e quais as concepções que permeiam historicamente sobre este corpo. Quando se olha para o corpo da mulher negra, é preciso compreender que ele está permeado de valores e sentidos construídos historicamente; que, antes de tudo, se faz necessário pensarmos que lugar o corpo negro ocupa na sociedade colonial moçambicana.

Nessa perspectiva, verificaremos no romance *O alegre canto da perdiz* a situação à qual o corpo negro feminino foi submetido enquanto objeto da afirmação da sexualidade masculina, consequência de uma estrutura social maculada pela violência de um sistema opressor que deixou traumas difíceis de serem apagados da memória.

Tal consequência fez com que o corpo da mulher negra se tornasse um espaço de negociação, uma mercadoria, em outras palavras: vender o corpo em troca de dinheiro ou bens materiais. Portanto, a prática da prostituição em território moçambicano está ligada à sobrevivência dessas mulheres. Para a escrita deste artigo, foram pertinentes os estudos dos pesquisadores Maria Geralda de Miranda, Carmen Lúcia Tindó Secco, Simone Pereira Schmidt, Peter Fry, Edward Said, entre outros.

A fim de que possamos compreender o contexto em que está inserida a narrativa, faremos um breve percurso pela história de Moçambique, para ancorarmos a nossa reflexão acerca da obra elencada para o nosso estudo. É importante localizarmos o espaço escolhido pela autora para o desenvolvimento da trama ficcional, para, assim, facilitarmos o entendimento do espaço social moçambicano, no qual a mulher está inserida.

## 1. Breve percurso histórico de Moçambique e as consequências do processo colonizatório

“Tudo na história humana tem suas raízes na terra.”

Edward Said

Historicamente, Moçambique passou 500 anos sob a dominação colonial. Devemos considerar que a disputa pela posse da terra no projeto colonial, desde o seu princípio, “significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros”, conforme Said. (SAID, 2011, p. 39).

A partir do processo colonizatório é divulgada uma concepção de imposição baseada na subserviência e coisificação do outro, amparada nas concepções evolucionistas do darwinismo social vindas do século XIX, que difundiam a superioridade da raça branca sobre a raça negra. Pelo ponto de vista daqueles que, baseando-se em dados pretensamente científicos, via nos diferentes traços fenotípicos “o sustentáculo do grau de evolução intelectual e cultural.” (PINTO, 2009, p. 35).

As consequências do ideal de uma raça superior foram desastrosas. Neste processo, a apropriação do corpo do colonizado expressa a conquista e a posse integral de um local que não mais é tido como propriedade do feminino ou do homem africano, tornando-se, um *locus* nefasto de dominação do colonizador, modelo emblemático de referência exploratória ocorrido em Moçambique.

Durante a dominação colonial, o corpo negro feminino converteu-se, então, em “corpo colonial”, lançado para a prática da prostituição, subordinado às aspirações mercadológicas, utilizado para servir à nova população local formada predominantemente por portugueses. Os corpos coloniais declaram a emergência de um corpo colonizado, ou seja, é por via do corpo, que o colonizador impõe a sua lógica execradora e subalternizante, marcada pelos sinais desse processo exploratório, perpetrado contra a subjetividade e exterioridade dos corpos femininos, através da violência sexual, prostituição, erotização do corpo, uma vez que atinge níveis físicos e psicológicos degradantes.

Nessa perspectiva, percebemos como “os efeitos da colonização branca em África foram bastante penetrantes e devastadores” (ALVES e TIMABANE, 2016, p. 80), fato que nos mostra todo o sofrimento provocado pelo processo colonial em Moçambique. Sofrimento o

qual, se traduz na relação de poder centralizado no corpo negro feminino, que “não passa de um objecto sexual efêmero e fortuito.” (PINTO, 2006, p. 49).

Assim, percebemos que as questões relativas à nação, raça, tribo e etnia têm marcado significativamente a história de Moçambique, desde a sua origem. Após termos traçado um breve percurso pela história da República de Moçambique, podemos, então, nos debruçarmos sobre o texto de Chiziane.

## 2. O corpo negro erotizado

“O corpo erotizado e posto à venda pode ser compreendido dentro da lógica de apropriação e subordinação dos colonizados no regime colonial.”

Simone Schmidt

Especialmente, o corpo tem se tornado um assunto recorrente na escritura produzida por mãos femininas e, por isso, é objeto de nosso interesse. É no âmbito do corpo que são marcadas as inscrições de sentido e valores impostos pela sociedade.

Refletirmos acerca do corpo negro feminino a partir da sua representação problematizada através da escritura ficcional de Paulina Chiziane, na obra *O alegre canto da perdiz*, implica necessariamente em pensar o espaço ocupado pelo corpo feminino negro coisificado e prostituído em um Moçambique colonial, onde as condições de vida não eram nada fáceis, principalmente no que tange à sexualidade.

Neste sentido, o corpo atua como um signo responsável por reproduzir uma estrutura social. Sendo assim, cabe aqui a reflexão sobre o espaço ocupado e reservado à mulher negra e a configuração dada ao seu corpo pela sociedade.

Para entendermos a representação do corpo negro feminino, devemos levar em conta a história socioeconômica colonial, que outorgava ao indivíduo de pele negra a marginalização e a exclusão do contexto social-colonial moçambicano do século XX. Humilhada pelas políticas do regime colonial, a mulher negra sofre inúmeras violências cometidas em seu corpo.

Na literatura, a concepção estereotipada assinalada no corpo da mulher negra geralmente se remeteu a imagens que pudessem denotar lascividade, imoralidade, permissividade, malícia, escárnio, sensualidade e desejo, assim “representando” um povo que era visto pela cultura colonial apenas como um objeto, portanto, inserido em um espaço social de dominação e marginalização.

A esse respeito, a psicóloga Isildinha Nogueira nos tece o seguinte comentário:

O negro não era persona. Não era cidadão nascido livre, como pessoa jurídica; na condição de escravo não era pessoa; seu estatuto era o de objeto, não o de sujeito. Assim, o negro foi alijado do corpo social, única via possível para se tornar indivíduo. (NOGUEIRA, 1999, p. 42).

Sob esta perspectiva, observa-se que ao longo da história o corpo negro feminino foi destituído de sua condição humana, tendo sido usurpado de qualquer possibilidade que permitisse exercer sua a feminilidade (NOGUEIRA, 1999, p. 44), visto apenas como instrumento de satisfação sexual, impedido de vontades, desejos e escolhas: um corpo silenciado e negligenciado de sua própria existência.

Com o processo de dominação colonial e o seu discurso ideológico de poder, esteriótipos e preconceitos são atribuídos em relação à mulher negra, traduzidos na literatura em geral, de modo a enfatizar o entrecruzamento de influências sofridas pelas mulheres, de acordo com o lugar por elas ocupado na sociedade. Assim, ser mulher pode ser bem diferente de ser mulher negra. Embora sejam discriminadas no quesito gênero, as mulheres brancas e negras estão inseridas em espaços sociais opostos: de um lado, a mulher branca desempenhando o papel de mãe e esposa dedicada; por outro, a mulher negra, desempenhando funções subalternas, não raro subordinadas à objetificação sexual – no caso, por exemplo, das escravas, a serviço dos desejos carnavais de seus senhores. Vejamos:

Seu corpo, historicamente destituído de sua condição humana, coisificado, alimentava toda a sorte de perversidade sexual que tinham os seus senhores. Nesta condição eram desejadas, pois satisfaziam o apetite sexual dos senhores e eram por eles repudiadas, pois as viam como criaturas repulsivas e descontroladas sexualmente. (NOGUEIRA, 1999, p. 44)

A adjetivação pejorativa comprova o estereótipo lançado sob o corpo feminino negro, representado como extrema sensualidade, dotado de uma sexualidade tentadora, fogueira – sendo, portanto, uma tentação que se justifica por estimular o desejo libidinoso dos homens com os quais ela convive.

Além de ser propriedade particular, fato o qual a política do regime colonial endossava, o corpo da mulher negra, por si só, justificava os abusos sexuais e as violências recebidas, respaldadas na concepção de que através do corpo de epiderme escura, tentações eram infligidas aos homens “exemplares” da sociedade colonial.

O romance *O alegre canto da perdiz* (2008), da moçambicana Paulina Chiziane, elegeu o corpo negro feminino como tema. Neste sentido, expõe representações e vozes que, até então,

estavam relegadas à margem, desvelando a identidade da mulher negra e colaborando para a reescrita da história das mulheres em Moçambique. A mulher nativa africana foi tão violada quanto a sua terra, e obrigada, assim, a ficar circunscrita a limites sociais que e acorrentaram a estereótipos impostos pela condição de raça e gênero.

### 3. Um corpo mercantilizado

“Das prostitutas atraí-lhe o senso prático da vida. Com elas tudo é minuciosamente calculado, tudo é negociado, tudo é pré-pago ou pago de imediato. [...] Desafiam. Excitam.”

Paulina Chiziane

A temática da prostituição na produção moçambicana, tendo em foco o romance *O alegre canto da perdiz* (2008), de Paulina Chiziane, nos apresenta a prática do meretrício como um problema, dando conta do difícil convívio da mulher e da precária condição que a mesma experimenta nas sociedades colonial ou pós-colonial (CAN, 2013, p. 98).

CAN (2013), no artigo *A História na Alcova: figurações da prostituta no campo literário moçambicano e nos romances de João Paulo Borges Coelho*, constatou que a figura da prostituta no campo literário moçambicano possui uma vocação profundamente histórica. Segundo Francisco Noa, se a escrita colonial procurou obviá-la, limitando-se, quando muito e em seu estilo, à preta fêmea, personagem realçada pelos atributos sexuais e habitualmente retratada como uma prostituta (NOA, 2015, p. 319), a prosa e a poesia moçambicanas souberam diversificar o olhar sobre esta figura.

Nesse sentido, Can nos afirma que:

Quer seja inscrita de forma fugaz, quer assuma protagonismo nas narrativas, a prostituta assume uma função dramática e uma dimensão de denúncia na prosa de Paulina Chiziane (2000, 2002, 2003 e 2008). (CAN, 2012, p. 98).

As mulheres constituem o eixo central narrativo da escritora, a começar pela personagem Vera, de *O sétimo juramento* (2000), cruzando ainda por Rami, de *Niketche, uma história de poligamia* (2002); Sarnau, de seu primeiro romance, *Balada de amor ao vento* (uma edição da autora, de 1991, e outra publicada em Portugal, em 2003) e Serafina, Delfina e Maria das Dores, avó, mãe e filha, respectivamente, personagens de *O alegre canto da perdiz* (2008).

Antes, porém, de partirmos para a análise da obra *O alegre canto da perdiz*, faz-se necessário situar Paulina Chiziane. Nasceu no dia 04 de julho de 1955, em Manjacaze, província de Gaza, em Moçambique. E é desse lugar que ela tece o seu fio narrativo, mostrando em suas obras um espaço devastado em decorrência da política atroz do sistema colonial.

As narrativas de Chiziane abordam predominantemente as questões fundamentais que determinam a condição histórica, social e política da mulher moçambicana. Há uma centralidade dos papéis femininos em sua obra, além de evidenciar o corpo feminino como uma importante categoria que exige um estudo detalhado.

Portanto, conduzidos por essas reflexões, percebemos que Chiziane privilegiou o universo feminino africano, e, sobretudo, o moçambicano, ao discutir o papel da mulher nas várias instâncias da sociedade.

O romance *O alegre canto da perdiz*, publicado em 2008 pela editora portuguesa *Caminho*, é o quinto livro da escritora moçambicana Paulina Chiziane, que, aliás, se considera não como uma romancista, mas, sim, uma contadora de estórias.

A narrativa é composta de trinta e quatro capítulos, divididos entre o percurso das três protagonistas femininas: Serafina, Delfina e Maria das Dores. Constrói um diálogo entre realidades cronológicas distintas, através das vozes femininas multigeracionais. No tocante a isso, Simone Schmidt nos tece os seguintes comentários:

O romance nos traça uma espécie de genealogia da subalternidade feminina através da mercantilização de seu corpo, desde Serafina, que vende a virgindade de sua filha Delfina, a qual, por sua vez, entregará também a juventude de Maria das Dores ao curandeiro Simba, em troca de ajuda e proteção. (SCHMIDT. In: MIRANDA e SECCO, 2013, p. 231).

A ação dessas personagens, no decorrer da trama, aponta para a construção de um discurso feminino que expõe o estado de coisificação do corpo negro, à qual a mulher moçambicana foi submetida, sobretudo, durante o regime colonial português.

A condição da mulher moçambicana, no entanto, conduz a um sofrimento particular, que não está exclusivamente atrelado à questão epidérmica. Verifica-se, desta forma, o conceito prevaletente do corpo da negra, enquanto objeto, e cuja sensualidade quase mítica nutre a afirmação da sexualidade masculina.

Segundo Carneiro (2002, p. 169), conforme citado por Schmidt (2013, p. 231), “em toda a situação de conquista e dominação de um grupo humano sobre o outro, é a apropriação sexual das mulheres do grupo derrotado pelo vencedor que melhor expressa o alcance da

derrota.” Portanto, é no corpo da mulher negra que se concretiza o intento de dominação e superioridade rracica, o que “constitui elemento de grande significado no imaginário colonial europeu.” (SCHIMDT, 2013, p. 232).

A consequência desse ato foi devastadora no que tange à identidade e à autoestima da mulher negra. Assim, era imposta a negociação sobre o corpo feminino e, a partir disso, era assenhoreado sexualmente, pois passou a ser, também, uma exibição do triunfo do colonizador, a saber,

O corpo erotizado e posto à venda pode ser compreendido dentro da lógica de apropriação e subordinação dos colonizados no regime colonial. Em outras palavras, é preciso compreender como a lógica monetária que subordina os corpos femininos está intrinsecamente vinculada ao colonialismo, tendo como suas evidências mais concretas a cor (mulheres negras são o objeto do desejo sexual de homens brancos). (SCHMIDT. In: MIRANDA e SECCO, 2013, p. 231)

Nessa perspectiva o corpo feminino negro é procurado pelo branco para a realização dos seus desejos e vontades; no imaginário colonial o corpo da mulher negra era transformado em um espaço de lascívia e luxúria, tendo em vista que o único papel “objeto” a ser cumprido por esse corpo era pelas vias do prazer dado ao homem branco.

Violadas ou conduzidas por seus pais à cama do branco, as mulheres negras venderam, ou melhor, negociaram os seus tenros corpos a homens que simbolizavam o poder e a possibilidade de sobrevivência ante a privação econômica. Unir-se ao homem branco por meio dos favores sexuais e, até mesmo, em troca de benesses materiais advindas desse ato “mutilador” da identidade, empurra moças e mães solteiras, a fim de garantirem o sustento da família, para o submundo da prostituição.

Atentemos para a fala da personagem Delfina:

Prefiro oferecer as doçuras do meu corpo aos marinheiros e ganhar moedas para alimentar a ilusão de cada dia. A natureza deu-me um celeiro no fundo do meu corpo. Uma mina de ouro. Para explorá-la com trabalho duro, pensam que não trabalho? Pensam que é fácil a vida que levo? Pensam que é fácil a vida que eu levo? Não é fácil suportar o gemido convulsivo de qualquer um sobre o meu corpo, expelindo-se, renovando-se, libertando-se. (CHIZIANE, 2008, p. 57)

Delfina prefere a prostituição em detrimento ao trabalho escravo nas plantações de arroz ou de palmeiras dos colonizadores. As condições de trabalho e os rendimentos oferecidos pelo regime como pagamento pelo trabalho feminino escravizavam a mulher, não sendo,



portanto, mais digno do que a prostituição. A luta pela sobrevivência impõe a prostituição ao destino de Delfina, até por que tinha a consciência do valor comercial do seu corpo:

Um corpo sem segredos, que se pega, que se paga, que monta e se desmonta. O que eles querem de mim? Que me levante ao cantar do galo para ir semear arroz? Que me entregue nas plantações de palmeiras como escrava, para receber no fim da canseira uma chávena de sal? (CHIZIANE, 2008, p. 57)

Nesse aspecto, vejamos a investigação de Adriana Piscitelli em “*Sexo tropical*”: *comentários sobre gênero e “raça” em alguns textos da mídia brasileira* (1996). Embora o enfoque e o contexto façam uma abordagem do turismo sexual no Brasil, o artigo nos faz apontamentos importantes quanto ao caminho que conduz as jovens à prostituição, e de acordo com a pesquisadora,

Dois fatores fundamentais empurram as meninas para a prostituição: a situação estrutural de extrema pobreza e uma configuração particular altamente desigual de gênero. Esta se expressa na erotização dos corpos muito jovens e na violência sexual da qual são vítimas meninas, geralmente no seio da família. (PISCITELLI, 1996, p. 21)

O relato cruel da narrativa de Chiziane nos revela que a mãe, Serafina, incumbida pelo zelo e o bem-estar de sua filha, é a negociadora da prostituição de Delfina. A pesquisadora Maria Geralda de Miranda, no artigo *A África e o feminino em Paulina Chiziane*, publicado na Revista Mulemba, em 2010, salienta que “ambas, mãe e filha, se prostituem em troca de comida.” Atentemos para a cena a seguir:

Tudo por causa daquele dia em que a mãe a atirou como uma gazela na jaula de um carnívoro. O velho branco estava no quarto escuro esperando por ela. Segurou-a. Apalpou-a. Sugou-a. A mãe sorria lá fora, tomando um copo de vinho e esperando por ela. (CHIZIANE, 2008, p. 57)

A mãe entrega o corpo da filha e o coloca à venda, com a pretensão de obter algumas pequenas vantagens atiradas pelo colonizador.

Agora será a vez de Delfina a perpetrar o mesmo crime contra a sua filha, para, em troca, obter ajuda para manter o seu comércio. Vejamos o nefasto diálogo entre o feiticeiro Simba e Delfina, a qual negocia a virgindade da menina Maria das Dores. A cena, a seguir, é chocante:

- Quero melhorar o meu negócio de venda de pão.
- Ah, já iniciaste o negócio?
- Sim, mas não rende.
- Bravo, Delfina! *Mas...o que me dás em troca?*

Pensa rapidamente. (...) Viver bem é uma questão financeira. (...)  
 Depois de longo silêncio, volta à superfície com uma proposta macabra.  
 - *Dou-te a virgindade da minha filha.*  
 (CHIZIANE, 2008, pp. 175-176, grifos nossos).

Maria das Dores, agora, na condição de “peça que se compra e se vende” (CHIZIANE, 2008, p. 176), é violentada pelo feiticeiro Simba. O episódio, que se segue no trecho abaixo, é carregado de sofrimento e dramaticidade:

O homem ergue-se e segura Maria das Dores pela mão. Arrasta-a com firmeza até o interior da palhota com uma máscara de vitória no rosto. Já estava preparado, de armas limpas e posicionadas para o combate. Foi directo à acção sem palavras inúteis. Lança sobre ela toda a energia de um homem no auge da vida, pássaro sedento na frescura do lago. Mergulha. Era o criador amassando o barro, moldando uma escultura à medida da sua inspiração. Ser mulher é mesmo assim, não custa. Basta uma facada, um dor e um grito:  
 - Pai! – suspira Maria das Dores.  
 Morre tudo naquele instante. A infância. A inocência. Apagam-se todas as estrelas em sinal de luto. O acto é violento, frio, com todos os requintes de um martírio. Maria das Dores estava a ser violada. Extraviada. Roubada. Uma menina submetida à sádica obsessão daqueles que a deviam amar.  
 (CHIZIANE, 2008, p. 186)

Delfina dá continuidade à sina de sua mãe, prostituindo-se, como podemos ver no diálogo entre elas:

– Vida de negra é servir, minha Delfina. Nos campos de arroz. Nas sementeiras e na colheita de algodão, para ganhar um quilo de açúcar por mês ou uma barra de sabão que não cabe na palma da mão. Uma negra é uma força para servir em todos os sentidos. Foi uma grande sorte teres nascido bela, senão estarias a pena sob o sol abrasador, onde sanguessugas invisíveis provocam doenças e mortes nos pântanos. *Tens sorte, tu serves na cama, tens mais rendimento.* (CHIZIANE, 2008, p. 100, grifo nosso).

Como podemos verificar nos trechos supracitados do romance, o corpo da mulher negra é “conscientemente usado pelas personagens com o intuito de obter sustento” (SCHIMDT, 2013, p. 233). Assim, o corpo feminino negro torna-se, portanto, uma moeda de troca, um meio de sobrevivência, e, também, instrumento da luxúria masculina.

Observa Silva e Pinto, conforme citado por Maria Geralda de Miranda (2010, p. 4-5), a saber:

A dignidade da negra teria sido violentada, atingindo a honra no âmbito moral e sexual, através de uniões mantidas a força, sob a égide do medo e da insegurança. A mulher africana foi sempre encarada pelos colonos portugueses tão somente enquanto um instrumento de dominação sobre os espaços e sobre os homens colonizados. (PINTO, 2007, p. 48. In: MIRANDA, 2010, p. 5).

Sob a ótica do corpo negro feminino, Chiziane abordou em *O alegre canto da perdiz* a temática da prostituição, em que é possível identificar como o “corpo” foi produzindo um lugar onde a dominação se exercia, e onde se construía o poder, em termos de gênero e raças (SCHMIDT, 2013, p. 229). Na base dessa construção, o corpo da mulher foi violado e estigmatizado como “locus nefasto” (SCHMIDT, 2013, p. 230). No que concerne a isso, visitamos o artigo escrito a quatro mãos pelas Professoras Maiane Pires Tigre e Inara de Oliveira Rodrigues, que afirmam:

O corpo da mulher sobre o qual o colonizador se lança, expressa a conquista e a posse integral de um local que não é mais tido como propriedade do feminino ou do homem africano, tornando-se o locus da dominação do colonizador, modelo emblemático de referência ao processo de espoliação ocorrido em Moçambique. (TIGRE e RODRIGUES, 2016, p. 121).

Pelas considerações até aqui tecidas a respeito do romance *O alegre canto da perdiz*, pudemos perceber que as personagens Serafina, Delfina e Maria das Dores carregam em seus corpos o aviltamento imposto pelo regime colonial, o qual concebía a mulher africana enquanto objeto libidinoso. Vejamos, a seguir:

Delfina conhece os brancos apenas no beijo. Na conversa fugaz das quatro paredes. Conhece as palavras grosseiras que lhe lançam, no pagamento do corpo. (CHIZIANE, 2008, p. 109)

Lola Geraldine Xavier, em seu ensaio *Era uma vez...Moçambique no feminino*, parte integrante do livro de ensaios *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos*, publicado em 2013, nos aponta para o fato de que Paulina Chiziane, ao escrever sobre a condição da mulher moçambicana, denuncia as injustiças e as explorações por elas sofridas através da voz multigeracional das personagens de *O alegre canto da perdiz*.

Vê-se que a leitura do universo feminino moçambicano pelos olhos de Paulina Chiziane efetua uma reflexão sobre a opressão do regime colonial e das suas avassaladoras consequências históricas, políticas e sociais vivenciadas pela mulher. Para compreendermos melhor tais consequências, é importante recorrermos ao pensamento do ensaísta e crítico literário palestino Edward Said:

O imperialismo significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros. Por inúmeras razões, elas atraem algumas pessoas e muitas vezes trazem uma miséria indescritível para outras. (SAID, 2011, p. 39).

Pudemos verificar, portanto, na narrativa romanesca de *O alegre canto da perdiz*, os sofrimentos, os anseios e as angústias das mulheres moçambicanas condicionadas à mercantilização dos seus corpos, que assume uma posição central na trama. A rentabilidade do corpo feminino negro enquanto fonte de poder econômico é resultado de um posicionamento ideológico da afirmação da sexualidade masculina.

Nessa perspectiva, o texto de *O alegre canto da perdiz* nos mostra à condição histórica, social e política da mulher moçambicana no período colonial, bem como a mercantilização do corpo feminino para quem tivesse disponibilidade em pagar por ele: “com elas tudo é minuciosamente calculado, tudo é negociado, tudo é pré-pago ou pago de imediato.” (CHIZIANE, 2008, p. 152).

### **Considerações finais**

O nosso estudo teve por foco o corpo negro feminino no espaço sócio-ficcional da prostituição, em Moçambique durante o período colonial, e os sofrimentos enfrentados por essas mulheres, o qual se resume na relação de poder centralizado no corpo, enquanto objeto da afirmação da sexualidade masculina.

A imagem lasciva criada em torno do corpo negro feminino é fruto de uma imposição do sistema opressor colonizador, o qual lançou muitas jovens à prostituição a fim de se sustentarem ou de obterem algum tipo de bem-estar do homem branco.

Schmidt nos tece o seguinte comentário:

o corpo da mulher negra, duplamente assujeitado pelo gênero e pela raça, e conscientemente usado pelas personagens com o intuito de obter sustento, e mais do que isso, de subir na vida através do contato com o homem branco. (SCHMIDT, 2013, p. 233).

Após a leitura da obra e dos textos teóricos que apoiaram a nossa análise, pudemos compreender a complexidade da trama tecida por Paulina Chiziane, ao problematizar a representação do corpo negro feminino em um momento histórico marcado pela violência de um sistema opressor que deixou marcas difíceis de serem esquecidas na subjetividade e no próprio corpo da mulher negra.

O romance *O alegre canto da perdiz* é uma reflexão acerca dos traumas e das consequências da política colonial em Moçambique. Neste sentido, Paulina Chiziane expõe as vozes que, até então, estavam relegadas ao silêncio da margem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAN, Nazir Ahmed. A História na Alcova: figurações da prostituta no campo literário moçambicano e nos romances de João Paulo Borges Coelho. *Mulemba*, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 8, pp. 98-113, jan./jul. 2013.

CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Caminho, 2008.

FRY, Peter. (Org). *Moçambique: ensaios*. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2001.

IGLÉSIAS, Olga. África, a mulher moçambicana e a NEPAD I. *Campus Social*, Lisboa, v. 3, n. 4, pp. 133-151, jan. 2007.

MEDEIROS, Cláudia Barbosa de, SECCO, Carmen Lúcia Tindo Ribeiro. O alegre canto do corpo feminino e suas notas dissonantes. *Revista Graphos*, UFPB/PPGL, v. 16, n. 1, pp. 21-33, 2014.

MIRANDA, Maria Geralda de. A África e o feminino em Paulina Chiziane. *Mulemba*, Rio de Janeiro, UFRJ v. 1, n. 2, pp. 62-70, jan./jul. 2010.

MIRANDA, Maria Geralda de. O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane. *O Marrare*, Rio de Janeiro: UERJ, n. 12, pp. 222-226, jul./jul. 2010.

NOA, Francisco. *Império, mito e miopia. Moçambique como invenção literária*. São Paulo: Editoria Kapulana, 2015.

NOGUEIRA, Isildinha B. O corpo da mulher negra. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, n. 135, pp. 40-45, 1999.

PISCITELLI, Adriana. "Sexo Tropical": Comentários sobre gênero e "raça" em alguns textos da mídia brasileira. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 6, n. 7, pp. 9-34, 1996.

PINTO, Alberto Oliveira. O colonialismo e a "coisificação" da mulher no cancionero de Luanda, na tradição oral angolana e na literatura colonial portuguesa. In: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. (Orgs). *A Mulher em África: Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri, 2006, pp. 35-49.

RODRIGUES, Maiane Tigres, OLIVEIRA, Inara de. Melhora a tua raça, Delfina! Fraturas de gênero, etnia e classe social. *Revista Ecos*, Mato Grosso: UNEMAT, v. 21, n. 02, 2016.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SECCO, Carmen Lúcia Ribeiro Tindó, MIRANDA, Maria Geralda de. (Orgs). *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos*. Curitiba: Appris, 2013.

SCHMIDT, Simone. O corpo e terra em O alegre canto da perdiz. In: SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro; MIRANDA, Maria Geralda de. (Orgs). *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos*. Curitiba: Appris, 2013, pp. 229-247.

TEIXEIRA, Ana Luísa Valente Marques. "Não sou mesmo uma feminista?" A Política do corpo em O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane. *Mulemba*, Rio de Janeiro, UFRJ v. 2, n. 2, pp. 71-82, jan./jul. 2010.

XAVIER, Lola Geraldes. Era uma vez...Moçambique. In: SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro; MIRANDA, Maria Geralda de. (Orgs). *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos*. Curitiba: Appris, 2013, pp. 177-192.

---

Recebido em: 31/07/2018

Aceito em: 20/11/2018